



APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Leandro Quaresma de Sousa¹; Lígia Roberta Ferreira de Andrade²;

Como Citar:

SOUSA, Leandro Quaresma; ANDRADE, Lígia Roberta Ferreira. Aprendizagem da Criança no Processo de Alfabetização e Letramento. *Revista Multidisciplinar de Pesquisas Acadêmicas do Nordeste*, vol. 1, n. 1, p. 22 - 33, 2024.

Área do conhecimento:

Ciências Humanas

Sub-área:

Educação

Palavras-chaves:

Publicado: 08 de fevereiro de 2024

Resumo

A alfabetização tem sido uma questão controversa e problemática para os professores conhecidos como alfabetizadores ou dos anos iniciais, pois, existem várias metodologias, alunos de diversas realidades, além de professores com formações distintas. Esta tem como objetivo geral o de refletir a respeito do processo de alfabetização e letramento das crianças, observando suas potencialidades e limitações apresentadas diante dos discentes durante tal ciclo de aprendizagem, a pesquisa teve uma abordagem qualitativa, pois, em que se trata de uma pesquisa que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do processo de alfabetização e letramento na escola mencionada. Esta tratou-se de uma pesquisa bibliográfica. Concluímos que a função do professor, ao alfabetizar uma criança na perspectiva do letramento, sobretudo uma criança oriunda das classes sociais menos favorecidas, se amplia, pois esta é inserida no mundo da cultura escrita. Assim, alfabetizar letrando significa muito mais que um compromisso pedagógico, é também um compromisso político e social. A prática docente ideal para as classes de alfabetização é aquela que se preocupa em alfabetizar letrando. Essa prática é impedida pela falta de material didático adequado, de apoio pedagógico e de uma formação específica sobre alfabetização e letramento, como foi constatado nesse estudo.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Professor.

Abstract

Literacy has been a controversial and problematic issue for teachers known as literacy educators or early years teachers, as there are various methodologies, students from diverse backgrounds, and teachers with different training. The general objective of this study is to reflect on the process of literacy and literacy education for children, observing their potential and limitations presented during the learning cycle. The research adopted a qualitative approach, as it aims to analyze and interpret deeper aspects, describing the complexity of the literacy process in the mentioned school. This was a bibliographic study. We concluded that the role of the teacher, when educating a child in the literacy perspective, especially a child from less privileged social classes, expands as they are introduced to the world of written culture. Thus, literacy education means much more than a pedagogical commitment; it is also a political and social commitment. The ideal teaching practice for literacy classes is one that focuses on literacy education. However, this practice is hindered by the lack of adequate didactic material, pedagogical support, and specific training on literacy and literacy education, as found in this study.

Keywords: Literacy. Literacy Education. Teacher.

1. Introdução

A alfabetização tem sido uma questão controversa e problemática para os professores conhecidos como alfabetizadores ou dos anos iniciais, pois, existem várias metodologias, alunos de diversas realidades, além de professores com formações distintas.

¹Graduada em Pedagogia. Email: lygiaroberta@hotmail.com

² Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica. Email: prof.leandroquaresma@gmail.com
<http://www.repan.periodikos.com.br/>

Isso tudo exige ação da escola e de todos que dela fazem parte, pois, os professores que lidam com a alfabetização deverão adotar uma prática pedagógica que melhor se adeque a realidade escolar.

Para Rosa (2012) a alfabetização tem se tornado um grande desafio para os professores alfabetizadores, pois o processo de alfabetização vai além da aprendizagem da escrita alfabética, deve desenvolver a leitura como prática social. O aluno é considerado alfabetizado quando além de ler e escrever utiliza a leitura como prática social.

O processo de alfabetização ocorre de forma diferenciada em cada educando, e cada um, alcança determinados níveis em momentos diferenciados, dentro do seu próprio ritmo de aprendizagem. A alfabetização e o letramento levam em consideração os usos sociais da leitura e as funções da escrita na sociedade.

As interações e interlocuções de um indivíduo com o outro e com o objeto de conhecimento enfatiza as relações sociais, nas quais, o conhecimento é produzido, vivenciado e apropriado pelo aluno, levando a uma reflexão sobre o processo de aprendizagem durante o período de alfabetização.

Esta pesquisa procura resolver o seguinte problema: Qual a importância da alfabetização e do letramento nos anos iniciais da escola Reunida Padre Tavares?

A seguinte pesquisa tem como objetivo geral refletir a respeito do processo de alfabetização e letramento, observando suas potencialidades e limitações apresentadas diante dos discentes durante tal ciclo de aprendizagem. E como específicos discutir sobre as práticas de alfabetização e letramento num contexto em que estas façam parte da vida dos educandos; identificar as práticas de alfabetização e letramento usadas pelos docentes; e averiguar as principais dificuldades que alunos e professores enfrentam no processo de alfabetização e letramento.

A alfabetização ainda está à espera de uma compreensão plena de seu processo, visto que ela precisa de método e teoria. Método porque ninguém aprende a ler e a escrever sem uma orientação segura do processo de aprendizagem, e teorias porque fundamentam o processo.

A alfabetização hoje se tornou um grande desafio para professores, principalmente por aqueles denominados alfabetizadores ou professores dos anos iniciais. Isso porque a alfabetização, além de abranger a aprendizagem da escrita alfabética, deve desenvolver a leitura como prática social. O sujeito é considerado alfabetizado se, além de ler e escrever,

utilizar a leitura e a escrita em práticas sociais, tornando-se assim, um leitor e um escritor competente.

2. Alfabetização e Letramento no Processo de Aprendizagem das crianças

Ao longo das últimas décadas, a alfabetização tem se tornado um tema de constantes pesquisas, debates e confronto de ideias que exige dos professores um ecletismo para acompanhar tudo que é divulgado sobre o assunto na mídia, confrontando com a prática existente e incorporando nessa quando necessário.

É um processo de representação de fonemas em grafemas e vice-versa, mas é também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito, já que a língua escrita não é uma transcrição da fala, há também uma especificidade morfológica, sintática e semântica da língua escrita: não se fala como se escreve, mesmo quando se escreve em contextos informais (Soares, 2007, p. 56).

Por isso, a alfabetização exige a aquisição de um conjunto de habilidades que contemplem as diferentes facetas da língua. Pois, para aprender a ler e a escrever, é preciso aprender a observar e a fazer levantamento e análise de hipóteses com o objetivo de buscar solucionar os conflitos cognitivos e efetivar a aprendizagem. Desse modo, a primeira coisa que um aprendiz precisa saber é discernir a ideia de símbolo, pois:

A relação entre um símbolo e a coisa que ele simboliza é inteiramente arbitrária, ou seja, a razão da forma de um símbolo não está nas características da coisa simbolizada. Uma criança que ainda não consiga compreender o que seja uma relação simbólica entre dois objetos não conseguirá aprender a ler (Lemle, 1999, p. 8).

Outro problema presente na alfabetização é em relação às letras, pois essas, para quem ainda não sabe escrever, são apenas representações. O aprendiz precisa entender e saber que cada uma dessas representações, de acordo com as características, vale como símbolo de um som da fala para, a partir disso, conseguir discriminar as formas das letras e distingui-las, já que elas são muito semelhantes (p/b, b/d, etc.) e necessárias à aprendizagem da leitura.

É importante, também, no processo da alfabetização, saber captar o conceito de palavra, pois “ela é o cerne da relação simbólica essencial contida numa mensagem linguística: a relação entre conceitos e sequências de sons da fala” (LEMLE, 1999, p. 11). Isso possibilitará aquisição da capacidade de focalizar a palavra enquanto sequência de sons, de estabelecer relação entre significante e significado, construindo, dessa forma, o

sistema de representação da leitura e da escrita e de acrescentar palavras à sua escrita, elaborando sentenças e reconhecendo-as a partir das leituras iniciais.

O letramento é uma continuidade da alfabetização, visto que os dois processos estão diretamente ligados, embora enfoquem aspectos diferentes. Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, alfabetizado é quem sabe ler e escrever e letrado é quem, além de saber ler e escrever atende às demandas sociais da leitura e da escrita. Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil relata que:

A constatação de que as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita muito antes do que se supunha e de que elaboram hipóteses originais na tentativa de compreendê-la amplia as possibilidades de a instituição de Educação Infantil enriquecer e dar continuidade a esse processo. Essa concepção supera a ideia de que é necessário, em determinada idade, instituir classes de alfabetização para ensinar a ler e escrever. Aprender a ler e a escrever fazem parte de um longo processo ligado à participação em práticas sociais de leitura e escrita (Brasil, 1998, p. 123).

Sendo assim, podemos dizer que o trabalho do professor deve basear-se em conhecimentos específicos relacionados a processo de aquisição e aprendizagem da leitura e da escrita, considerando as individualidades e dificuldades dos alunos de 6 a 8 anos. Isso mostra que o letramento “resulta da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita e a alfabetização. É a ação de alfabetizar, de tornar-se alfabeto” (Soares, 2003, p. 36).

Ler e escrever são atividades comunicativas que exigem conhecimentos da língua por se tratar de uma estrutura integrada, na qual os aspectos sintáticos, semânticos e fonológicos interagem para atribuir significado ao que está graficamente representado no texto escrito. Por isso, Tfouni (2004), em seu livro “letramento e alfabetização” afirma que:

Há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é, parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude (Tfouni, 2004, p. 13).

Desse modo, percebe-se que a alfabetização é contínua, pois não possui um ponto final, sendo desta feita, é um processo constante de transformação. Por outro lado, o letramento “é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2003, p. 56-57).

Logo, a alfabetização e o letramento ora diferem-se pela sua abrangência, ora fundem-se, já que a alfabetização é tida como um processo que tem uma continuidade, sendo este o letramento

Segundo Freire e Macedo (1990, p. 1) alfabetização é “a relação entre o educando e o mundo, mediada pela prática transformadora deste mundo” e o letramento para Soares (2007, p. 12) “é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler, mas exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive”.

Desta feita, podemos observar que alfabetização e letramento são processos distintos, porém eles se cruzam no cotidiano escolar, caminhando juntos. Sendo assim, devemos também nos afastar do conceito de que a alfabetização é apenas a codificação e decodificação de símbolos gráficos.

Segundo Rosa (2012) o aprendizado da leitura está relacionado à aquisição de uma tecnologia: a de codificar em linguagem escrita, ou seja, escrever, e decodificar a língua escrita, através da leitura.

O aluno está alfabetizado quando é capaz de ler e escrever, com compreensão, uma breve e simples exposição dos fatos relacionados ao cotidiano, formando, dessa forma, indivíduos competentes para o exercício de todas as atividades em que a alfabetização é necessária, para atuação eficaz no seu grupo e na sua comunidade e cujos resultados alcançados em leitura, escrita e cálculo lhe permitem continuar a colocar suas aptidões a serviço de seu desenvolvimento próprio e do desenvolvimento da comunidade e de participar ativamente da vida de sua nação.

2.1 O APRENDIZADO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

No processo de alfabetização, precisamos de uma base, de regras educativas informais que encaminhem as crianças e as preparem para o mundo da leitura e da escrita, estas devem ser construídas no cotidiano escolar, espontaneamente a partir da necessidade do aluno, da turma e do professor. Em meio a esse contexto, este capítulo visa identificar o aprendizado das crianças e os métodos e técnicas de alfabetização que são eficazes para que os educandos aprendam a ler e escrever com competência.

Soares (2004, p. 14) afirma que:

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando, pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita, é sem dúvida, o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta <http://www.repan.periodikos.com.br/>

etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira, em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita.

Numa sala de aula, é fácil observar que algumas crianças procuram outras para a realização de suas tarefas, enquanto outras permanecem sozinhas. Isso ocorre porque as crianças se desenvolvem psico e mentalmente de forma diferenciada, podendo ter vários fatores que influenciem no seu desenvolvimento, entre eles, podemos citar, hereditariedade, crescimento orgânico, maturação neurofisiológica e o meio.

Uma terminologia própria foi utilizada por Piaget (1972) para explicar o que acontece em cada estágio do desenvolvimento. Dentre os termos utilizados, os principais são: assimilação, acomodação e esquema. De acordo com Bee (1984), assimilação significa incorporar as experiências ou objetos às estratégias ou conceitos já existentes, ou seja, construir a realidade; já a acomodação seria a modificação e ajustamento das estratégias ou conceitos em função de novas experiências ou informações; e, finalmente, entende-se por esquema, a ação ou estratégia interna ou externa, à qual a criança ou adulto assimila alguma experiência e que se acomoda à nova experiência.

Vygotsky (1989) dedicou-se, dentre outros tópicos, à construção da crítica à noção de que se poderia construir conhecimento, sobre as funções psicológicas superiores humanas, a partir de experiências com animais. Ele criticou, também, as concepções que afirmavam serem as propriedades intelectuais dos homens resultado da maturação do organismo. Vygotsky buscou as origens sociais destas capacidades humanas.

Do que foi visto, é possível afirmar que tanto Piaget como Vygotsky, concebem a criança como um ser ativo, atento, que constantemente cria hipóteses sobre o seu ambiente. Há, no entanto, grandes diferenças na maneira de conceber o processo de desenvolvimento.

Piaget (1972) acredita que os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que esta se encontra. A visão particular e peculiar (egocêntrica) que as crianças mantêm sobre o mundo, vai, progressivamente, aproximando-se da concepção dos adultos: torna-se socializada e objetiva.

Vygotsky discorda de que a construção do conhecimento proceda do individual para o social. Em seu entender, a criança já nasce em um mundo social e, desde o nascimento, vai formando uma visão desse mundo, através da interação com adultos ou

crianças mais experientes. A construção do real é, então, mediada pelo interpessoal antes de ser internalizada pela criança. Desta forma, procede-se do social para o individual, ao longo do desenvolvimento.

Piaget acredita que a aprendizagem subordina-se ao desenvolvimento e tem pouco impacto sobre ele. Com isso, ele minimiza o papel da interação social. Vygotsky, ao contrário, postula que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento.

Segundo Piaget, o pensamento aparece antes da linguagem, que apenas é uma das suas formas de expressão. A formação do pensamento depende, basicamente, da coordenação dos esquemas sensorimotores e não da linguagem. Esta só pode ocorrer depois que a criança já alcançou um determinado nível de habilidades mentais, subordinando-se, pois, aos processos de pensamento. A linguagem possibilita à criança evocar um objeto ou acontecimento ausente na comunicação de conceitos.

Piaget, todavia, estabeleceu uma clara separação entre as informações que podem ser passadas por meio da linguagem e os processos que não parecem sofrer qualquer influência dela. Este é o caso das operações cognitivas, que não podem ser trabalhadas por meio de treinamento específico feito com o auxílio da linguagem. Por exemplo, não se pode ensinar, apenas usando palavras, a classificar, a seriar, a pensar com responsabilidade.

Já para Vygotsky, pensamento e linguagem são processos interdependentes, desde o início da vida. A aquisição da linguagem pela criança modifica suas funções mentais superiores: ela dá uma forma definida ao pensamento, possibilita o aparecimento da imaginação, o uso da memória e o planejamento da ação. Neste sentido, a linguagem, diferentemente daquilo que Piaget postula, sistematiza a experiência direta das crianças e por isso adquire uma função central no desenvolvimento cognitivo, reorganizando os processos que nele estão em andamento.

A inteligência, para Piaget, é o mecanismo de adaptação do organismo a uma situação nova e, como tal, implica na construção contínua de novas estruturas. Esta adaptação refere-se ao mundo exterior, como toda adaptação biológica. Desta forma, os indivíduos se desenvolvem intelectualmente a partir de exercícios e estímulos oferecidos pelo meio que os cercam. O que vale também dizer que a inteligência humana pode ser exercitada, buscando um aperfeiçoamento de potencialidades, que evolui “desde o nível mais primitivo da existência, caracterizado por trocas bioquímicas até o nível das trocas simbólicas” (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 1982 *apud* CHIABAI, 1990, p. 3).

Para Piaget (1982), o comportamento dos seres vivos não é inato, nem resultado de condicionamentos. Para ele, o comportamento é construído em uma interação entre o meio e o indivíduo. Esta teoria epistemológica (*epistemo* = conhecimento e *logia* = estudo) é caracterizada como interacionista. A inteligência do indivíduo, como adaptação a situações novas, portanto, está relacionada com a complexidade desta interação do indivíduo com o meio. Em outras palavras, quanto mais complexa for esta interação, mais “inteligente” será o indivíduo. As teorias piagetianas abrem campo de estudo não somente para a psicologia do desenvolvimento, mas, também, para a sociologia e para a antropologia, além de permitir que os pedagogos tracem uma metodologia baseada em suas descobertas.

Não existe estrutura sem gênese, nem gênese sem estrutura, ou seja, a estrutura de maturação do indivíduo sofre um processo genético e a gênese depende de uma estrutura de maturação. Sua teoria nos mostra que o indivíduo só recebe um determinado conhecimento se estiver preparado para recebê-lo, ou seja, se puder agir sobre o objeto de conhecimento para inseri-lo em um sistema de relações. Não existe um novo conhecimento sem que o organismo tenha já um conhecimento anterior para poder assimilá-lo e transformá-lo. O que implica os dois polos da atividade inteligente: assimilação e acomodação. É assimilação, na medida em que incorpora a seus quadros todo o dado da experiência ou estruturação por incorporação da realidade exterior, a formas devidas à atividade do sujeito (PIAGET, 1982).

É preciso que a escrita seja trabalhada de maneira significativa, real, realçando a sua funcionalidade. A criança deve perceber diferentes contextos nos quais a escrita está inserida e refletir sobre ela. Os textos que circulam socialmente devem fazer parte do cotidiano escolar, devem ser material de análise e estudo pelos alunos. Somente dessa forma pode-se restituir à escrita seu caráter social.

As salas de aula devem ser repletas de textos variados, aos quais os alunos tenham acesso desde a mais tenra idade. Eles precisam manipulá-los, lê-los a partir dos indícios textuais ou a partir da própria decodificação. Mas precisam agir sobre esses materiais e ler para aprender, para abstrair informações, e não ler para aprender a ler.

Apesar disso, podemos afirmar que, ainda hoje, muitas escolas vêm incorrendo em muitos equívocos no processo inicial de ensino-aprendizagem da escrita. A esse respeito, Vigotski (1991, p. 119) faz uma crítica às formas de intervenção no processo de alfabetização escolar, afirmando que: “até agora, a escrita ocupou um lugar muito estreito

na prática escolar, em relação ao papel fundamental que ela desempenha no desenvolvimento cultural da criança”.

Ensina-se as crianças a desenhar letras e construir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal forma a mecânica de ler o que está escrito, que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal.

Concordamos com essa afirmativa, pois reconhecemos que, em muitas escolas, a função atribuída à escrita não é a mesma atribuída pela sociedade, pelas pessoas na sua vida cotidiana, por desconsiderar-se o conhecimento que a criança já possui acerca da escrita antes de iniciar o seu processo de alfabetização escolar.

3. Metodologia

Este artigo baseia-se em uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, visando refletir sobre o processo de alfabetização e letramento das crianças nos anos iniciais. A escolha pela abordagem qualitativa deve-se à necessidade de analisar e interpretar aspectos profundos e complexos da alfabetização, proporcionando uma descrição detalhada das potencialidades e limitações apresentadas durante o ciclo de aprendizagem.

A revisão bibliográfica foi conduzida através da seleção criteriosa de fontes acadêmicas relevantes, incluindo livros, artigos científicos e documentos especializados que abordam o tema da alfabetização e letramento. A análise dessas fontes permitiu a construção de um panorama abrangente sobre as diferentes metodologias de ensino, as realidades diversas dos alunos e a formação variada dos professores, aspectos fundamentais para compreender os desafios e oportunidades presentes no processo de alfabetização.

O foco principal da pesquisa foi descrever como esses fatores influenciam a prática docente e o desenvolvimento das competências de leitura e escrita nas crianças, especialmente aquelas oriundas de classes sociais menos favorecidas. A pesquisa buscou identificar as dificuldades enfrentadas pelos professores, como a falta de material didático adequado, o insuficiente apoio pedagógico e a ausência de uma formação específica sobre alfabetização e letramento.

Além disso, a pesquisa qualitativa permitiu explorar a função ampliada do professor na perspectiva do letramento, destacando o compromisso pedagógico, político

e social envolvido na inserção das crianças no mundo da cultura escrita. Ao alfabetizar letrando, os professores não apenas ensinam a ler e escrever, mas também contribuem para a inclusão social e o desenvolvimento crítico dos alunos.

A metodologia adotada neste estudo proporcionou uma compreensão aprofundada e contextualizada dos desafios e práticas da alfabetização e letramento, oferecendo insights valiosos para a melhoria das estratégias educacionais voltadas para as crianças nos anos iniciais.

4. **Considerações finais**

No processo de alfabetização, precisamos de uma base, de regras educativas informais que encaminhem as crianças e a preparem para o mundo da leitura e da escrita, estas devem ser construídas no cotidiano escolar, espontaneamente a partir da necessidade do aluno, da turma e do professor.

A alfabetização assim como o letramento, por serem processos de natureza complexa, exigem do docente uma formação profissional que leve em consideração suas especificidades conceituais, teóricas e metodológicas. Para atuar em classes de alfabetização, é indispensável o professor possuir um conhecimento sistematicamente construído através de cursos de formação inicial e continuada.

A função do professor, ao alfabetizar uma criança na perspectiva do letramento, sobretudo uma criança oriunda das classes sociais menos favorecidas, se amplia, pois esta é inserida no mundo da cultura escrita. Assim, alfabetizar letrando significa muito mais que um compromisso pedagógico, é também um compromisso político e social.

A prática docente ideal para as classes de alfabetização é aquela que se preocupa em alfabetizar letrando. Essa prática é impedida pela falta de material didático adequado, de apoio pedagógico e de uma formação específica sobre alfabetização e letramento, como foi constatado nesse estudo.

O papel de todo educador alfabetizador que não deve voltar sua atenção apenas para a aprendizagem da língua escrita no sentido da aquisição das convenções do sistema alfabético, mas também considerar importante o desenvolvimento da percepção sobre os usos e práticas sociais da escrita.

A função do professor, ao alfabetizar uma criança na perspectiva do letramento, sobretudo uma criança oriunda das classes sociais menos favorecidas, se amplia, pois

insere essa criança no mundo da cultura escrita. Assim, alfabetizar letrando significa muito mais que um compromisso pedagógico, é também um compromisso político e social. Esse trabalho monográfico representa um exercício acadêmico de refino do olhar do estudante de Pedagogia com o intuito de aprimorar o conhecimento sobre a realidade da educação forma

5. Referências (DejaVu Serif,12)

- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 3.ed. São Paulo: Harper & Row, 1984.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- CHIABAI, Isa Maria. **A influência do meio rural no processo de cognição de crianças da pré-escola: uma interpretação fundamentada na teoria do conhecimento de Jean Piaget**. São Paulo, USP 1990.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- _____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1994.
- GONÇALVES, Elisa Pereira. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. São Paulo: Alínea Editora, 2012.
- LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- PIAGET, J. **A epistemologia genética e a pesquisa psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1972.
- PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- ROSA, Adriana Padilha da. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Sol, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Letramento e Escolarização**. São Paulo: Global, 2004

_____. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2003

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

6. **Declaração de direitos**

O(s)/A(s) autor(s)/autora(s) declara(m) ser detentores dos direitos autorais da presente obra, que o artigo não foi publicado anteriormente e que não está sendo considerado por outra(o) Revista/Journal. Declara(m) que as imagens e textos publicados são de responsabilidade do(s) autor(s), e não possuem direitos autorais reservados à terceiros. Textos e/ou imagens de terceiros são devidamente citados ou devidamente autorizados com concessão de direitos para publicação quando necessário. Declara(m) respeitar os direitos de terceiros e de Instituições públicas e privadas. Declara(m) não cometer plágio ou auto plágio e não ter considerado/gerado conteúdos falsos e que a obra é original e de responsabilidade dos autores.